

O cortiço





ALUÍSIO AZEVEDO

O cortiço

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a edição original,
Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1890.

Apresentação de
Rui Mourão

Conforme a nova ortografia da língua portuguesa

gerente editorial Claudia Morales
editor Fabricio Waltrick
editora assistente Malu Rangel
diagramadora Thatiana Kalas
coordenação editorial Todotipo Editorial
revisão Todotipo Editorial
projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
coordenadora de arte Soraia Scarpa
editoração eletrônica Carla Castilho | Estúdio

Imagem da capa detalhe de *Irruption Series*, 2005, obra de Regina Silveira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

A986c
38. ed.

Azevedo, Aluísio, 1857-1913
O cortiço / Aluísio Azevedo - São Paulo : Ática, 2011.
248p. : (Bom Livro)

Inclui apêndice
ISBN 978 85 08 14562-1

1. Romance brasileiro. I. Título II. Série.

11-3000

CDD 869.93

CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 14562-1 (aluno)
ISBN 978 85 08 12594-4 (professor)
Código da obra CL 737818
CAE: 263492

2017
38ª edição
7ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A. | 1997
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
www.aticascipione.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Um mundo de galegos e cabras 7

I 17	XIII 140
II 29	XIV 148
III 38	XV 156
IV 48	XVI 165
V 55	XVII 174
VI 59	XVIII 177
VII 66	XIX 181
VIII 79	XX 192
IX 91	XXI 198
X 106	XXII 209
XI 122	XXIII 214
XII 133	

Vida & obra 219

Resumo biográfico 241

Obras do autor 243

Obra da capa 247

UM MUNDO DE GALEGOS E CABRAS

Rui Mourão

Romancista e ensaísta, foi professor de literatura brasileira na Universidade de Brasília (UnB) e é o diretor do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (MG), desde 1974.

Fazendo uso de uma terceira pessoa onisciente e podendo, em consequência, deslocar o foco narrativo da maneira que bem entender, sem consideração das circunstâncias de espaço e de tempo, o autor de *O cortiço* acaba se impondo limitações desse tipo. Começa com a narração das lutas da juventude de João Romão, na antevéspera do nascimento dos primeiros cômodos da futura estalagem e, em seguida, deixa o taberneiro de lado e entra a falar de Miranda, o rico atacadista de tecidos que veio se instalar no sobrado ao lado. Logo adiante, após o encontro que promove dos dois, com a discussão a respeito da faixa de terreno que a ambos interessa, voltará a tratar exclusivamente de João Romão e a gente cá de baixo, para depois se ocupar, também com exclusividade, de Miranda e a gente lá de cima.

Nesse ir e vir, a narrativa acaba assumindo uma feição paralelística muito evidente, o que de saída deixa claro que Aluísio Azevedo encontrou a maneira correta de estruturação de um texto que deseja abordar o cortiço e o sobrado, a existência das camadas sociais mais inferiorizadas e das camadas burguesas com pretensões aristocratizantes. E, ao longo de todo o livro, verifica-se que, além desses amplos blocos conjugados, o relato vai se desdobrar em elementos de características rigorosamente binárias: há a história de Jerônimo e Piedade e a história de Firmo e Rita, simultaneamente com a história Jerônimo-João Romão; há o caso de Léonie e Pombinha e o caso de Pombinha e Senhorinha, simultaneamente com os casos cortiço-Pombinha e cortiço-Senhorinha; há o português parasita que vive nas costas de Miranda e a escrava negra que carrega João Romão às costas; há ao mesmo tempo a festa de Rita e a festa de das Dores; há o cortiço dos carapicus e o dos cabeças-de-gato.

Não quer dizer, entretanto, que o sobrado e a estalagem se isolem em planos equidistantes. Ao contrário, o que existe, entre os dois, é um estado de permanente tensão e mútua agressão. Nas primeiras páginas, a situação se define: “Travou-se então uma luta renhida e surda entre o português

negociante de fazendas por atacado e o português negociante de secos e molhados” (p. 25). O palacete desejava se expandir com a incorporação de um quintal, enquanto a casa de cômodos sonhava poder se alastrar pelos fundos do primeiro. O muro que se levanta entre as propriedades, verificada a insuperabilidade do impasse, tem mais aparência de trincheira do que outra coisa. Encerrada a disputa em torno do terreno, a competição continuará em outro plano. Despeitado com a prosperidade de João Romão, Miranda se põe a lutar pelo título de barão, buscando dessa forma suplantar o rival; espicado pela vitória do patricio que realmente conquista a distinção, o rude proprietário do cortiço procura o caminho de se requintar socialmente e parte para a conquista de Zulmira, a filha do adversário, o que alcança no momento em que inclusive já construiu o seu próprio sobrado — maior e mais confortável que o do vizinho. E no desdobramento das vicissitudes dessa divergência, o que prossegue se impondo é o mesmo esquema de oposições. Miranda e a esposa são adversários dentro de casa; como adversários acabam se revelando, na morada ao lado, João Romão e Bertoleza. Jerônimo e Firmo travam combate de morte; o cavouqueiro é agigantado e exímio em jogar o pau, o malandro é franzino e campeão na capoeira e nos golpes de navalha. Rita e Piedade também chegam a se atracar fisicamente. Os dois cortiços das redondezas são adversários e os moradores de uma estalagem não pisam no terreno da outra.

Mas as aparências iludem e naquele mundo de equilíbrio instável, no qual a vida se desencadeia tumultuária e as composições e recomposições não cessam de se fazer, só aos poucos vão se definindo as partes de fato em oposição. João Romão assume longamente todas as características de grande adversário de Miranda, para afinal com ele terminar identificado. Admitido no sobrado, acaba revelando a distância que o separa do cortiço:

E lá em cima, numa das janelas do Miranda, João Romão, vestido de casimira clara, uma gravata à moda, já familiarizado com a roupa e com a gente fina, conversava com Zulmira que, ao lado dele, sorrindo de olhos baixos, atirava migalhas de pão para as galinhas do cortiço; ao passo que o vendeiro lançava para baixo olhares de desprezo sobre aquela gentinha sensual, que o enriquecera, e que continuava a mourejar estupidamente, de sol a sol, sem outro ideal senão comer, dormir e procriar. (p. 154)

João Romão achava-se, àquela altura, tão independente da estalagem que a própria destruição do cortiço não o pôde afetar. “Olhe, aqueles é que com certeza não gostaram da brincadeira!” (p. 179), vai dizer após o incêndio

que botara tudo abaixo. A desgraça redundou em lucro, já que fora indenizado pelo seguro e conseguira roubar as economias de seu inquilino mais sovina, o velho Libório.

Da mesma forma que a oposição João Romão-Miranda se revela falsa, será desmentida a oposição carapicus-cabeças-de-gato. As duas casas de cômodos vivem em pé de guerra e, com a morte de Firmo, há uma confrontação total entre os moradores de uma e de outra. Mas dessa luta ninguém sairá vencedor ou vencido. Os grupos de capoeira avançam em formações idênticas e idêntica é a destreza, de parte a parte. Dos dois lados, empunhavam-se as mesmas armas. E quando a Bruxa ateia fogo na construção, as forças litigantes imediatamente esquecem as suas divergências e se solidarizam:

Os cabeças-de-gato, leais nas suas justas de partido, abandonaram o campo, sem voltar o rosto, desdenhosos de aceitar o auxílio de um sinistro e dispostos até a socorrer o inimigo, se assim fosse preciso. E nenhum dos carapicus os feriu pelas costas. (p. 176)

O antagonismo entre as facções era artificial e fora provocado por instigação de João Romão, que, no momento do aparecimento do novo conjunto de casas, procurara defender daquela forma a sua propriedade contra os riscos de uma iminente concorrência. À medida que o Carapicus continua progredindo e suplanta o Cabeça de Gato, este acaba mais ou menos agregado como uma dependência daquele.

A oposição verdadeira é entre João Romão e o cortiço, e o texto, aos poucos, fornece elementos para compreendê-la em profundidade. Quando Rita e Piedade se atacam e uma briga entre brasileiros e portugueses se generaliza, tem lugar fenômeno semelhante ao ocorrido por ocasião do choque dos inquilinos dos dois cortiços: a Bruxa fizera a sua primeira tentativa de incendiar os cômodos e, diante do perigo, os contendores abandonaram a luta para, juntos, cuidarem de debelar o sinistro. Ocorre, porém, que o episódio permanecerá isolado e o autor não fornecerá nenhuma outra indicação sugerindo um possível movimento de fusão daqueles grupos, que ali tivesse começado; ao contrário, o que vai ser sublinhado é sempre o absoluto distanciamento entre “galegos” e “cabras”. Piedade e Rita não se opõem apenas pela disputa de um homem: elas se diferenciam pela cor, pelo cheiro, pela alimentação, pelos hábitos de vida, pela linguagem. Jerônimo evolui no sentido do cortiço, mas isso implica profunda e radical transformação da sua pessoa, quase uma traição — implica o seu abrasileiramento.

A história de João Romão e a de Jerônimo, desenvolvendo-se em direções

rigorosamente opostas, constituem o núcleo central do romance. O taberneiro, que tem o seu começo muito envolvido com o pessoal da estalagem, vivendo amigado com uma negra, no mais absoluto relaxamento de hábitos, subirá de degrau em degrau, passará a usar roupas de outra classe, será respeitado no mundo das finanças, acabará acolhido pela família do vizinho que carrega título de nobreza da coroa portuguesa e entrará ele próprio a aspirar a uma distinção semelhante. O cavouqueiro, que surge como um lusitano autêntico, fiel aos costumes e à sua formação de além-mar, a ponto de se isolar com a família dentro da coletividade do cortiço, caminhará no sentido da mais absoluta identificação com esse meio.

O processo da transformação de Jerônimo se inicia quando, terminadas as festas de Rita e das Dores, ele principia a dedilhar a sua guitarra, cantando o seu desterro, e acaba em duelo musical com o cavaquinho de Porfiro e o violão de Firmo, que rompem “vibrantemente com um chorado baiano” (p. 75). É um verdadeiro impacto o que lhe acontece:

E aquela música de fogo doidejava no ar como um aroma quente de plantas brasileiras, em torno das quais se nutrem, girando, moscardos sensuais e besouros venenosos, freneticamente, bêbedos do delicioso perfume que os mata de volúpia.

E à viva crepitação da música baiana calaram-se as melancólicas toadas dos de além-mar. (p. 76)

Depois dessa violentação inicial, no momento em que, contra todos os seus hábitos, Jerônimo deixa a porta da sua casa e se aproxima do grupo para assistir ao batuque que principia, sente-se definitivamente comprometido:

Aí, de queixo grudado às costas das mãos contra uma cerca de jardim, permaneceu, sem tugar nem mugir, entregue de corpo e alma àquela cantiga sedutora e voluptuosa que o enleava e tolhia, como à robusta gameleira brava o cipó flexível, carinhoso e traiçoeiro. (p. 76)

Mas será em Rita, a fogosa dançarina, que vai enxergar a síntese de tudo o que transporta:

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce

a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca. (p. 77-8)

À proporção que se entrega ao amor de Rita, Jerônimo vai sendo absorvido pela terra, de etapa em etapa, até a completa mudança de sua personalidade:

A guitarra! substituiu-a ela pelo violão baiano, e deu-lhe a ele uma rede, um cachimbo, e embebedou-lhe os sonhos de amante prostrado com as suas cantigas do norte, tristes, deleitosas, em que há caboclinhos curupiras, que no sertão vêm pitar à beira das estradas em noites de lua clara, e querem que todo o viajante que vai passando lhes ceda fumo e cachaça, sem o que, ai deles! o curupira transforma-os em bicho do mato. E deu-lhe do seu comer da Bahia, temperado com fogo azeite de dendê, cor de brasa; deu-lhe das suas muquecas escandescentes, de fazer chorar, habituou-lhe a carne ao cheiro sensual daquele seu corpo de cobra, lavado três vezes ao dia e três vezes perfumado com ervas aromáticas.

O português abraçara-se para sempre; fez-se preguiçoso, amigo das extravagâncias e dos abusos, luxurioso e ciumento; fora-se-lhe de vez o espírito da economia e da ordem; perdeu a esperança de enriquecer, e deu-se todo, todo inteiro, à felicidade de possuir a mulata e ser possuído só por ela, só ela, e mais ninguém. (p. 186)

Mas a essência daquilo que é considerado português ou brasileiro parece estar situada na capacidade ou não de amealhar. Miranda alcançou a sua posição graças ao dinheiro que lhe proporcionava a mulher, e como sabia que aquele valor era o fundamental, para não perdê-lo suportava todos os vexames e acanhalamentos. João Romão concentrou as suas energias na batalha para construir a sua riqueza, e é por meio dela que irá se tornar grande e respeitado, a ponto de superar Miranda como símbolo do sobrado e do lusitano: o casarão que manda construir é maior do que o do antigo rival e o título que passa a aspirar é o de visconde, quando o outro conseguira apenas o de barão. Por outro lado, quando Jerônimo ainda era português, a sua preocupação maior estava em formar um pecúlio, com o dinheiro economizado do seu trabalho e do trabalho da mulher; no momento em que se torna brasileiro, começa a dissipar o que duramente acumulara e vai

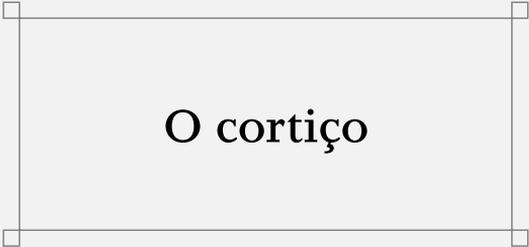
viver, daí para a frente, consumindo sempre além das suas possibilidades e já totalmente desinteressado da ideia de juntar capital.

João Romão se achava identificado com o cortiço na fase em que coabitava com a negra Bertoleza. Bertoleza é a encarnação daquela coletividade, e o seu valor simbólico alcança extraordinária força ao se revelar como pessoa sugada até a última gota, tendo contribuído de todas as formas para o enriquecimento do taberneiro, para em seguida por ele se ver desprezada. Bertoleza é a escrava que não deixará de ser escrava, embora, por engodo do seu grande explorador, durante algum tempo tenha experimentado a ilusão de haver sido libertada.

O cortiço é um dos melhores retratos que já se levantaram do Brasil do segundo império, em que as sobrevivências da estrutura colonial punham à mostra uma numerosa casta de portugueses enriquecidos a empolgar as posições de comando e uma legião mal definida de negros, mulatos e brancos, em pleno processo de caldeamento e formação, constituindo o escalão mais inferior da sociedade. A independência havia chegado como que antes da hora e não passava, àquela altura, de uma realidade quase que puramente formal. O abolicionismo era uma campanha em marcha, mas em bases muito ilusórias, deixando em evidência que a emancipação do negro pouco representaria desde que desacompanhada da transformação das classes vigentes. A demagogia essencial que comprometia aquela luta surge estigmatizada nas palavras finais do romance, que se fecha, logo depois de João Romão forçar o retorno de Bertoleza à escravidão e levá-la ao suicídio, com a seguinte referência, francamente caricatural:

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas. (p. 218)



O cortiço

Periculum dicendi non recuso.

CÍCERO

La Vérité, toute la vérité, rien que la vérité.

Droit Criminel

Os meus honrados colegas do jornalismo, e todos esses grandes publicistas que fatigam o céu e a terra para provar que esta em que estamos é a verdadeira época de transição, esses nos dirão se a Providência andaria bem ou mal se hoje suscitasse um novo Timon da verdadeira raça dos fúrias, que com as pontas viperinas do azorrague vingador lacerasse sem piedade os crimes e os vícios que a desonram.

JOÃO FRANCISCO LISBOA, *Jornal de Timon*,
Prospecto — Obras completas,
1º vol., p. 12.

Un Oyseau qui se nomme cigale estoit en un figuier, et François tendit sa main et appella celluy oyseau, et tantost il obeyt et vint sur sa main. Et il lui deist: Chante, ma seur, et loue nostre Seigneur. Et adoncques chanta incontinent, et ne sen alla devant quelle eust congé.

JACQUES DE VORAGINE, *La Légende Doreé*.
Traduction française.



João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro.

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lha, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal¹ a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta.

João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. “Seu senhor comia-lhe a pele do corpo! Não era brinquedo para uma pobre mulher ter de escarrar pr’ali, todos os meses, vinte mil-réis em dinheiro!”

1 **pagar de jornal:** pagar por dia de trabalho. (N.E.)

E segredou-lhe então o que tinha juntado para a sua liberdade e acabou pedindo ao vendeiro que lhe guardasse as economias, porque já de certa vez fora roubada por gatunos que lhe entraram na quitanda pelos fundos.

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de “Seu João”, como ela dizia. Seu João debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal escrito e em letras cortadas de jornal: “Ativo e passivo de Bertoleza”.

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão.

Quando deram fé estavam amigados.

Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.

João Romão comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranjou com os cacarecos de Bertoleza. Havia, além da cama, uma cômoda de jacarandá muito velha com maçanetas de metal amarelo já mareadas, um oratório cheio de santos e forrado de papel de cor, um baú grande de couro cru tacheado, dois banquinhos de pau feitos de uma só peça e um formidável cabide de pregar na parede, com a sua competente coberta de retalhos de chita.

O vendeiro nunca tivera tanta mobília.

— Agora, disse ele à crioula, as coisas vão correr melhor para você. Você vai ficar forra; eu entro com o que falta.

Nesse dia ele saiu muito à rua, e uma semana depois apareceu com uma folha de papel toda escrita, que leu em voz alta à companhia.

— Você agora não tem mais senhor! declarou em seguida à leitura, que ela ouviu entre lágrimas agradecidas. Agora está livre. Doravante o que você

fizer é só seu e mais de seus filhos, se os tiver. Acabou-se o cativo de pagar os vinte mil-réis à peste do cego!

— Coitado! A gente se queixa é da sorte! Ele, como meu senhor, exigia o jornal, exigia o que era seu!

— Seu ou não seu, acabou-se! E vida nova!

Contra todo o costume, abriu-se nesse dia uma garrafa de vinho do Porto, e os dois beberam-na em honra ao grande acontecimento. Entretanto, a tal carta de liberdade era obra do próprio João Romão, e nem mesmo o selo, que ele entendeu de pespegar-lhe em cima, para dar à burla maior formalidade, representava despesa porque o esperto aproveitara uma estampilha já servida. O senhor de Bertoleza não teve sequer conhecimento do fato; o que lhe constou, sim, foi que a sua escrava lhe havia fugido para a Bahia depois da morte do amigo.

— O cego que venha buscá-la aqui, se for capaz... desafiou o vendeiro de si para si. Ele que caia nessa e verá se tem ou não pra peras²!

Não obstante, só ficou tranquilo de todo daí a três meses, quando lhe constou a morte do velho. A escrava passara naturalmente em herança a qualquer dos filhos do morto; mas, por estes, nada havia que recear: dois pândegos de marca maior que, empolgada a legítima³, cuidariam de tudo, menos de atirar-se na pista de uma crioula a quem não viam de muitos anos àquela parte. “Ora! bastava já, e não era pouco, o que lhe tinham sugado durante tanto tempo!”

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa⁴, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado.

2 **ter ou não pra peras**: receber algo, ou não, depois de muita demora. (N.E.)

3 **empolgar a legítima**: apossar-se da porção da herança correspondente à metade dos bens do morto. (N.E.)

4 **em mangas de camisa**: sem nenhuma outra peça de vestuário por cima da camisa. (N.E.)

João Romão não saía nunca a passeio, nem ia à missa aos domingos; tudo que rendia a sua venda e mais a quitanda seguia direitinho para a caixa econômica e daí então para o banco. Tanto assim que, um ano depois da aquisição da crioula, indo em hasta pública algumas braças de terra situadas ao fundo da taverna, arrematou-as logo e tratou, sem perda de tempo, de construir três casinhas de porta e janela.

Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de horas, junto com a amiga, furtavam à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra que havia por ali perto.

Estes furtos eram feitos com todas as cautelas e sempre coroados do melhor sucesso, graças à circunstância de que nesse tempo a polícia não se mostrava muito por aquelas alturas. João Romão observava durante o dia quais as obras em que ficava material para o dia seguinte, e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos, telhas, sacos de cal, para o meio da rua, com tamanha habilidade que se não ouvia vislumbre de rumor. Depois, um tomava uma carga e partia para casa, enquanto o outro ficava de alcateia⁵ ao lado do resto, pronto a dar sinal, em caso de perigo; e, quando o que tinha ido voltava, seguia então o companheiro, carregado por sua vez.

Nada lhes escapava, nem mesmo as escadas dos pedreiros, os cavalos de pau, o banco ou a ferramenta dos marceneiros.

E o fato é que aquelas três casinhas, tão engenhosamente construídas, foram o ponto de partida do grande cortiço de São Romão.

Hoje quatro braças de terra, amanhã seis, depois mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia pelos fundos da sua bodega; e, à proporção que o conquistava, reproduziam-se os quartos e o número de moradores.

Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado⁶ o que os escravos furtavam da casa dos seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações, trabalhando e mais a amiga como uma junta de bois, João Romão veio afinal a

5 **ficar de alcateia:** ficar de vigia, de tocaia ou à espreita. (N.E.)

6 **dez réis de mel coado:** ninharia, pouco dinheiro. (N.E.)

comprar uma boa parte da bela pedreira, que ele, todos os dias, ao cair da tarde, assentado um instante à porta da venda, contemplava de longe com um resignado olhar de cobiça.

Pôs lá seis homens a quebrarem pedra e outros seis a fazerem lajedos e paralelepípedos, e então principiou a ganhar em grosso, tão em grosso que, dentro de ano e meio, arrematava já todo o espaço compreendido entre as suas casinhas e a pedreira, isto é, umas oitenta braças de fundo sobre vinte de frente em plano enxuto e magnífico para construir.

Justamente por essa ocasião vendeu-se também um sobrado que ficava à direita da venda, separado desta apenas por aquelas vinte braças; de sorte que todo o flanco esquerdo do prédio, coisa de uns vinte e tantos metros, despejava para o terreno do vendeiro as suas nove janelas de peitoril. Comprou-o um tal Miranda, negociante português, estabelecido na Rua do Hospício com uma loja de fazendas⁷ por atacado. Corrida uma limpeza geral no casarão, mudar-se-ia ele para lá com a família, pois que a mulher, Dona Estela, senhora pretensiosa e com fumaças de nobreza, já não podia suportar a residência no centro da cidade, como também sua menina, a Zulmirinha, crescia muito pálida e precisava de largueza para enrijar e tomar corpo.

Isto foi o que disse o Miranda aos colegas, porém a verdadeira causa da mudança estava na necessidade, que ele reconhecia urgente, de afastar Dona Estela do alcance dos seus caixeiros. Dona Estela era uma mulherzinha levada da breca: achava-se casada havia treze anos e durante esse tempo dera ao marido toda sorte de desgostos. Ainda antes de terminar o segundo ano de matrimônio, o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério; ficou furioso e o seu primeiro impulso foi de mandá-la para o diabo junto com o cúmplice; mas a sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera, uns oitenta contos em prédios e ações da dívida pública, de que se utilizava o desgraçado tanto quanto lhe permitia o regime dotal. Além de que, um rompimento brusco seria obra para escândalo, e, segundo a sua opinião, qualquer escândalo doméstico ficava muito mal a um negociante de certa ordem. Prezava, acima de tudo, a sua posição social e tremia só com a ideia de ver-se novamente pobre, sem recursos e sem coragem para recomeçar a vida, depois de se haver habituado a umas tantas regalias e afeito à hombridade de português rico que já não tem pátria na Europa.

7 **loja de fazendas:** loja onde se vendiam tecidos. Na segunda metade do século XIX, a manufatura têxtil era uma das atividades econômicas mais importantes no Brasil. Aproveitava como matéria-prima o algodão, produto agrícola abundante no país. (N.E.)

Acovardado defronte destes raciocínios, contentou-se com uma simples separação de leitos, e os dois passaram a dormir em quartos separados. Não comiam juntos, e mal trocavam entre si uma ou outra palavra constrangida, quando qualquer inesperado acaso os reunia a contragosto.

Odiavam-se. Cada qual sentia pelo outro um profundo desprezo, que pouco a pouco se foi transformando em repugnância completa. O nascimento de Zulmira veio agravar ainda mais a situação; a pobre criança, em vez de servir de elo aos dois infelizes, foi antes um novo isolador que se estabeleceu entre eles. Estela amava-a menos do que lhe pedia o instinto materno por supô-la filha do marido, e este a detestava porque tinha convicção de não ser seu pai.

Uma bela noite, porém, o Miranda, que era homem de sangue esperto e orçava então pelos seus trinta e cinco anos, sentiu-se em insuportável estado de lubricidade. Era tarde já e não havia em casa alguma criada que lhe pudesse valer. Lembrou-se da mulher, mas repeliu logo esta ideia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la. Entretanto este mesmo fato de obrigação em que ele se colocou de não servir-se dela, a responsabilidade de desprezá-la, como que ainda mais lhe assanhava o desejo da carne, fazendo da esposa infiel um fruto proibido. Afinal, coisa singular, posto que moralmente nada diminuísse a sua repugnância pela perjura, foi ter ao quarto dela.

A mulher dormia a sono solto. Miranda entrou pé ante pé e aproximou-se da cama. “Devia voltar!... pensou. Não lhe ficava bem aquilo!...” Mas o sangue latejava-lhe, reclamando-a. Ainda hesitou um instante, imóvel, a contemplá-la no seu desejo.

Estela, como se o olhar do marido lhe apalpassse o corpo, torceu-se sobre o quadril da esquerda, repuxando com as coxas o lençol para a frente e patenteando uma nesga de nudez estofada e branca. O Miranda não pôde resistir, atirou-se contra ela, que, num pequeno sobressalto, mais de surpresa que de revolta, desviou-se, tornando logo e enfrentando com o marido. E deixou-se empolgar pelos rins, de olhos fechados, fingindo que continuava a dormir, sem a menor consciência de tudo aquilo.

Ah! ela contava como certo que o esposo, desde que não teve coragem de separar-se de casa, havia, mais cedo ou mais tarde, de procurá-la de novo. Conhecia-lhe o temperamento, forte para desejar e fraco para resistir ao desejo.

Consumado o delito, o honrado negociante sentiu-se tolhido de vergonha e arrependimento. Não teve ânimo de dar palavra, e retirou-se tristonho e murcho para o seu quarto de desquitado.

Oh! como lhe doía agora o que acabava de praticar na cegueira da sua sensualidade.

— Que cabeçada!... dizia ele agitado. Que formidável cabeçada!...

No dia seguinte, os dois viram-se e evitaram-se em silêncio, como se nada de extraordinário houvera entre eles acontecido na véspera. Dir-se-ia até que, depois daquela ocorrência, o Miranda sentia crescer o seu ódio contra a esposa. E, à noite desse mesmo dia, quando se achou sozinho na sua cama estreita, jurou mil vezes aos seus brios nunca mais, nunca mais, praticar semelhante loucura.

Mas, daí a um mês, o pobre homem, acometido de um novo acesso de luxúria, voltou ao quarto da mulher.

Estela recebeu-o desta vez como da primeira, fingindo que não acordava; na ocasião, porém, em que ele se apoderava dela febrilmente, a leviana, sem se poder conter, soltou-lhe em cheio contra o rosto uma gargalhada que a custo sopeava. O pobre-diabo desnor-teou, deveras escandalizado, soerguendo-se, brusco, num estremunhamento de sonâmbulo acordado com violência.

A mulher percebeu a situação e não lhe deu tempo para fugir; passou-lhe rápido as pernas por cima e, grudando-se-lhe ao corpo, cegou-o com uma metralhada de beijos.

Não se falaram.

Miranda nunca a tivera, nem nunca a vira, assim tão violenta no prazer. Estranhou-a. Afigurou-se-lhe estar nos braços de uma amante apaixonada: descobriu nela o capitoso encanto com que nos embebedam as cortesãs amestradas na ciência do gozo venéreo. Descobriu-lhe no cheiro da pele e no cheiro dos cabelos perfumes que nunca lhe sentira; notou-lhe outro hálito, outro som nos gemidos e nos suspiros. E gozou-a, gozou-a loucamente, com delírio, com verdadeira satisfação de animal no cio.

E ela também, ela também gozou, estimulada por aquela circunstância picante do ressentimento que os desunia; gozou a desonestidade daquele ato que a ambos acanalhava aos olhos um do outro; estorceu-se toda, rangendo os dentes, grunhindo, debaixo daquele seu inimigo odiado, achando-o também agora, como homem, melhor que nunca, sufocando-o nos seus braços nus, metendo-lhe pela boca a língua úmida e em brasa. Depois, um arranco de corpo inteiro, com um soluço gutural e estrangulado, arquejante e convulsa, estatelou-se num abandono de pernas e braços abertos, a cabeça para o lado, os olhos moribundos e chorosos, toda ela agonizante, como se a tivessem crucificado na cama.

A partir dessa noite, da qual só pela manhã o Miranda se retirou do quarto da mulher, estabeleceu-se entre eles o hábito de uma felicidade sexual, tão completa como ainda não a tinham desfrutado, posto que no íntimo de cada um persistisse contra o outro a mesma repugnância moral em nada enfraquecida.

Durante dez anos viveram muito bem casados; agora, porém, tanto tempo depois da primeira infidelidade conjugal, e agora que o negociante já não era acometido tão frequentemente por aquelas crises que o arrojavam fora de horas ao dormitório de Dona Estela; agora, eis que a leviana parecia disposta a reincidir na culpa, dando corda aos caixeiros do marido, na ocasião em que estes subiam para almoçar ou jantar.

Foi por isso que o Miranda comprou o prédio vizinho a João Romão.

A casa era boa; seu único defeito estava na escassez do quintal; mas para isso havia remédio: com muito pouco compravam-se umas dez braças daquele terreno do fundo que ia até à pedreira, e mais uns dez ou quinze palmos do lado em que ficava a venda.

Miranda foi logo entender-se com o Romão e propôs-lhe negócio. O taverneiro recusou formalmente.

Miranda insistiu.

— O senhor perde seu tempo e seu latim⁸! retrucou o amigo de Bertoleza. Nem só não cedo uma polegada do meu terreno, como ainda lhe compro, se mo quiser vender, aquele pedaço que lhe fica ao fundo da casa!

— O quintal?

— É exato.

— Pois você quer que eu fique sem chácara, sem jardim, sem nada?

— Para mim era de vantagem...

— Ora, deixe-se disso, homem, e diga lá quanto quer pelo que lhe propus.

— Já disse o que tinha a dizer.

— Ceda-me então ao menos as dez braças do fundo.

— Nem meio palmo!

— Isso é maldade de sua parte, sabe? Eu, se faço tamanho empenho, é pela minha pequena, que precisa, coitada, de um pouco de espaço para alargar-se.

— E eu não cedo, porque preciso do meu terreno!

— Ora qual! Que diabo pode lá você fazer ali? Uma porcaria de um pedaço de terreno quase grudado ao morro e aos fundos de minha casa! quando você, aliás, dispõe de tanto espaço ainda!

— Hei de lhe mostrar se tenho ou não o que fazer ali!

— É que você é teimoso! Olhe, se me cedesse as dez braças do fundo, a sua parte ficaria cortada em linha reta até à pedreira, e escusava eu de ficar com uma aba de terreno alheio a meter-se pelo meu. Quer saber? não amuro o quintal sem você decidir-se!

8 **perder tempo e o latim:** esforçar-se inutilmente com alguém que não entende ou que não quer entender o que lhe é dito. (N.E.)